

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

HAROLD W.
HOEHNER

EFÉSIOS

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	ix
<i>Prefácio do autor</i>	xiii
<i>Reduções gráficas</i>	xvii

Introdução a Efésios	1
Autoria de Efésios.....	2
Estrutura e gênero literário de Efésios.....	68
A cidade de Éfeso e o contexto histórico	86
Propósito de Efésios	108
Teologia de Efésios	118

Texto e comentário

I. O chamado da igreja (1.1—3.21).....	127
A. Prólogo (1.1,2)	128
Excurso 1: Problema textual em Efésios 1.1	141
B. Louvor pelas bênçãos espirituais planejadas por Deus (1.3-14)	152
Excurso 2: Perspectivas e estruturas de Efésios 1.3-14.....	160
Excurso 3: Em Cristo.....	175
Excurso 4: Eleição.....	190
C. Oração por sabedoria e revelação (1.15-23)	263
Excurso 5: Um estudo de πλήρωμα.....	326
D. Nova posição como pessoas (2.1-10).....	331
E. Nova posição como comunidade (2.11-22).....	384

F. Interlúdio: explicação detalhada sobre o mistério (3.1-13).....	458
Excurso 6: Mistério	471
G. Oração pelo fortalecimento do amor (3.14-21)	522
II. A conduta da igreja (4.1—6.24).....	553
A. Andem em unidade (4.1-16).....	556
B. Andem em santidade (4.17-32).....	647
C. Andem em amor (5.1-6).....	717
D. Andem na luz (5.7-14)	743
E. Andem em sabedoria (5.15—6.9)	768
Excurso 7: Código doméstico	805
Excurso 8: A escravidão na época de Paulo	899
F. Fiquem firmes na batalha (6.10-20)	920
G. Conclusão (6.21-24)	979
<i>Bibliografia</i>	993
<i>Índice de autores</i>	1025
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	1045

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de ao menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem objetivo mais adequado. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação exata do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Portanto, ele precisa da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são aqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores de uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações no universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que formam esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se *do texto* das Escrituras. Isso não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico, mas sim que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre orientados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos de Cristo e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar dissociada da

realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor o que Deus disse outrora, já que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode conquistar o coração das pessoas.

Por fim, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes originários de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem, por exemplo, citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim — e comentários homiléticos — os quais tentam expor de forma clara como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio do autor

Este comentário tem uma longa história. Originariamente fazia parte de uma série que foi descontinuada. Embora mais tarde tenha se tornado parte de uma nova série de comentários de outra editora, o comentário tornou-se longo demais e já não era adequado para essa série. Finalmente, a editora Baker Academic concordou em publicá-lo como um comentário independente, e sou grato por isso.

É preciso explicar várias coisas. Em primeiro lugar, o estudo das palavras ganhou grande impulso com as descobertas de papiros que começaram a ocorrer na última metade do século 19. Embora tenha havido muito debate sobre o assunto, que às vezes levou a excessos, James Barr fez as advertências necessárias de que: (1) a etimologia de uma palavra, ainda que apresente uma história dessa palavra, não expressa seu significado em vários períodos da história e (2) o significado de uma palavra deve ser extraído também de seu contexto em vez de ter um único significado em todos os contextos, o que Barr rotulou de “transferência ilegítima da totalidade”.¹ Portanto, o estudo sincrônico das palavras passou a ter proeminência, mas não se deve esquecer totalmente do estudo diacrônico delas.² Outra advertência diz respeito à primeira parte do século 20, quando houve uma tendência de não ver quase nenhuma sobreposição no significado de sinônimos, ao passo que em tempos mais recentes há uma tendência de não ver praticamente nenhuma diferença entre eles. Acaso não faz mais sentido entender que sinônimos se sobrepõem, mas não têm significado idêntico? As nuances de sentido podem ser mínimas e com pouca, ou mesmo nenhuma, relevância em alguns contextos, mas ainda assim não se deve, em todos e quaisquer casos, ignorar as distinções entre elas.

¹James Barr, *The semantics of biblical language* (Oxford: Oxford University Press, 1961), p. 109, 218.

²Cf. James Barr, “The synchronic, the diachronic and the historical: a triangular relationship”. In: Johannes C. de Moor, org., *Synchronic or diachronic? A debate on method in Old Testament exegesis*, Oudtestamentische Studiën (Leiden: E. J. Brill, 1995), vol. 34, p. 1-14.

Os estudos de palavra neste comentário são tanto diacrônicos quanto sincrônicos. Nesses estudos, comecei com o LSJ [léxico grego-inglês] e descobri as fontes clássicas de determinada palavra. Em seguida, investiguei as fontes e examinei o uso no período clássico. Normalmente usei o texto grego da série Loeb Classical Library. Somente em raras ocasiões — quando não conseguia ter acesso a uma obra — usei uma fonte secundária. (Traduzi as fontes primárias, exceto nos casos em que menciono especificamente um tradutor.) Então usei o *software Accordance* para procurar e analisar a(s) palavra(s) na LXX, no TM, no NT e em Qumran. Menciono o número de vezes em que a palavra grega é usada na LXX e o número de vezes em que é encontrada nos livros canônicos do AT, porque esses livros são uma tradução do texto hebraico. Com certeza, houve hesitação ao escolher uma palavra hebraica dentre muitas. Minha intenção foi mostrar como ela geralmente foi traduzida no texto grego do AT e, em seguida, passar para o NT. No NT, procurei ver como a palavra foi usada em geral e depois como foi usada por Paulo, em especial na última parte de sua vida.

Em segundo lugar, com relação à crítica textual, usei uma abordagem “ecclética refletida”. Ao considerar as evidências externas, dei mais importância à distribuição geográfica do que o fazem alguns outros estudiosos. Quando comecei a trabalhar neste comentário, usei os aparatos textuais de UBS³ e NA²⁶, mas revisei meu trabalho para se conformar com os aparatos textuais de UBS⁴ e NA²⁷. De forma surpreendente, as novas edições desses aparatos textuais trouxeram muitas mudanças. Além desses aparatos, usei informações textuais mencionadas por Bruce M. Metzger, *A textual commentary on the Greek New Testament*, 2. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994).³ Tentei ser coerente no uso de símbolos, seja no uso do UBS⁴, seja no uso de NA²⁷. Mas ainda existe alguma inconsistência. Por exemplo, ao analisar apenas o aparato de NA²⁷, utilizei o símbolo \mathfrak{M} , mas, quando consultei o aparato de UBS⁴, usei o símbolo *Byz* [K L P]. Entretanto, quando uma variante textual de NA²⁷ não aparecia em UBS⁴, utilizei os comentários encontrados no *A textual commentary*; por esse motivo, pode haver inconsistência entre os símbolos e aqueles usados em NA²⁷. Também recebi ajuda dos comentários sobre Efésios escritos pelos pais da igreja, a saber, Ambrosiastro, Crisóstomo, Jerônimo, Ecumênio, Orígenes, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto e Teofilato (com base no texto de Migne).

³Edição em português: *Variantes textuais do Novo Testamento grego*, ampliação, atualização e simplificação de Roger Omanson (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017).

Em terceiro lugar, decidi não incluir uma bibliografia (além da lista de comentários e da bibliografia sobre a autoria de Efésios, a última no final da introdução), porque isso aumentaria o comentário em umas cem páginas. Por esse motivo, nas notas de rodapé apresento dados bibliográficos completos na primeira vez em que uma obra foi citada. Nas referências posteriores à mesma obra, indiquei apenas o sobrenome do autor, o título ou título abreviado da obra e o número da página. As exceções a isso são as obras na lista de reduções gráficas. Ao citar comentários, indico apenas o sobrenome do autor e o número da página; dados bibliográficos completos são apresentados na lista de comentários. Devo mencionar uns poucos comentários que talvez provoquem confusão. Bruce escreveu dois comentários de Efésios, mas usei apenas o mais recente (exceto na introdução, quando usei ambos na análise da autoria). Embora existam três edições do comentário de Dibelius (1912, 1927, 1953), usei a última edição, Dibelius-Greeven (exceto no excuroso sobre o texto de 1.3-14, cuja estrutura ele analisou pela primeira vez em sua edição de 1927, e no seu tratamento dos códigos domésticos, que abordou pela primeira vez em sua edição de 1912). Martin escreveu três comentários de Efésios. Com exceção da introdução, cito dois deles e os distingo como Martin, “Ephesians”, in: *The Broadman Bible commentary*, e Martin, *Ephesians, Colossians, and Philemon*. As obras de Mitton também podem causar confusão, pois ele tem um comentário intitulado *Ephesians* [Efésios] e um tratado sobre a autoria da carta intitulado *The Epistle to the Ephesians: its authorship, origin and purpose* [A epístola aos Efésios: sua autoria, origem e propósito]. Nas vezes em que citei o comentário de Mitton, indiquei seu sobrenome e o número da página, e, quando citei o tratado, indiquei o sobrenome, o título principal *The Epistle to the Ephesians* e o número da página. Quando coloco um ponto de interrogação depois da indicação da página da obra de um autor, há alguma dúvida sobre o respaldo daquele autor.

Em quarto lugar, no que diz respeito à sequência na lista de publicações, normalmente coloco a(s) obra(s) mais importante(s) primeiro. Depois disso, coloco as outras obras em ordem cronológica da data de publicação para dar uma ideia da história da interpretação. Na lista de comentários, coloco Schnackenburg (1991) antes de Bruce (1984) e Lincoln (1990) porque comecei com a edição em alemão (1982) e posteriormente mudei a indicação da página para a versão em inglês (1991).

Em quinto lugar, quanto ao texto bíblico, normalmente citei as passagens de acordo com a numeração do texto em inglês, mas indiquei as diferenças com o TM ou a LXX. Tudo isso se baseia na numeração de versículos usada no *software Accordance*. Usei os títulos dos livros bíblicos conforme as

versões inglesas, não os nomes usados na LXX. Por exemplo, usei 1Samuel em vez de 1Reinos, e Esdras e Neemias em vez de 2Esdras. Sempre que uso um sinal de igual (e.g., Mt 12.4 = Mc 2.26 = Lc 6.4), ele se refere a uma passagem paralela, em geral nos Sinóticos. Na lista de passagens bíblicas, cito primeiramente as passagens mais relevantes, seguidas de outras passagens na sequência canônica. Sempre que coloco um ponto de interrogação depois de uma passagem das Escrituras, tive alguma dúvida sobre seu uso naquele caso específico.

Em sexto lugar, ao citar outras obras, utilizei as reduções, transliterações e grafias da obra citada, mesmo quando diferiam da usada neste comentário.

Em sétimo lugar, expressei minha profunda gratidão às seguintes organizações e pessoas: Dallas Theological Seminary, pelo generoso programa sabático que me permitiu concentrar tempo no comentário; as bibliotecas e bibliotecários do Dallas Theological Seminary, nos Estados Unidos, e da Tyndale House e da Universidade de Cambridge, ambas na Inglaterra; meu colega Darrell L. Bock, por ler os cinco primeiros capítulos em uma etapa bem inicial e por suas sugestões; meu filho, David, que leu trechos do comentário e fez sugestões; e o professor Best, por me enviar cópias de todos os seus artigos recentes. Desejo ainda expressar meu reconhecimento às seguintes pessoas que me ajudaram de várias maneiras, a saber, Markus N. A. Bockmuehl, Michael H. Burer, David J. A. Clines, Dorian G. Coover-Cox, Buist M. Fanning III, Donald R. Glenn, Trudy Goff, Wayne A. Grudem, Scott Hafemann, George W. Knight III, William Mounce, Peter T. O'Brien, Stanley E. Porter, Robert Reymond, Judith Siegel, Moisés Silva, Stephen Spencer, Eduard M. Vandermass, Daniel B. Wallace e Bruce W. Winter. Finalmente, desejo expressar profunda gratidão à minha amada esposa, Gini, que leu todo o comentário pelo menos duas vezes, apresentando sugestões de mudanças estilísticas que tornaram o texto mais claro.

Introdução

A Carta aos Efésios é um dos documentos mais influentes da igreja cristã. Na última década do século 4, Crisóstomo de Constantinopla, o “Boca de Ouro”, afirmou no preâmbulo de suas homilias sobre Efésios que essa carta está repleta de sublimes pensamentos e doutrinas de Paulo, sobre os quais o apóstolo fala pouco em outras passagens, mas declara expressamente em Efésios.¹ João Calvino considerava Efésios sua carta favorita e pregou, entre maio de 1558 e março de 1559, uma série de 48 sermões sobre o livro.² Nos dias anteriores à morte de John Knox, ocorrida em 24 de novembro de 1572, sua esposa lia para ele os sermões de Calvino sobre Efésios.³ Samuel Taylor Coleridge, o grande poeta e filósofo, escreveu (em 25 de maio de 1830) acerca de Efésios: “É uma das mais divinas composições humanas. Ela abrange todas as doutrinas do cristianismo; primeiro, aquelas doutrinas peculiares ao cristianismo, depois, aqueles preceitos que o cristianismo tem em comum com a religião natural”.⁴ Em 1903, J. Armitage Robinson considerou Efésios “a coroa dos escritos de São Paulo”,⁵ e, em 1929, C. H. Dodd chegou à conclusão de que “*o pensamento* [de Efésios] *é a coroa da teologia paulina*”.⁶ Quase quatro décadas depois, F. F. Bruce a considerou a “quintessência da teologia paulina”, pois ela “em grande parte sintetiza os principais temas das epístolas paulinas e, ao mesmo tempo, o motivo central do ministério de

¹Chrysostom [Crisóstomo], *Eph*, Argumentum, in: *PG* 62:10.

²John Calvin [João Calvino], *Sermons on the Epistle to the Ephesians*, tradução para o inglês de Arthur Golding em 1577, revisão de 1973 (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1973; publicado na França em 1562), p. viii.

³*The works of John Knox*, compilação e edição de David Laing (Edinburgh: Thomas George Stevenson, 1864; reimpr., New York: AMS, 1966), vol. 6, p. 639, 643.

⁴Samuel Taylor Coleridge, *Specimens of the table talk* (London, Reino Unido: John Murray, 1858), p. 82.

⁵Robinson, p. vii.

⁶Dodd, p. 1224-5.

Paulo como apóstolo dos gentios”.⁷ Em 1974, Markus Barth começou seu comentário com esta frase: “Efésios está entre as mais importantes cartas que levam o nome do apóstolo Paulo”.⁸ Raymond E. Brown declarou em 1997: “Entre os escritos paulinos, apenas Romanos está à altura de Efésios como candidata a exercer a maior influência no pensamento e na espiritualidade cristãos”.⁹ Em 1999, Peter T. O’Brien declarou: “A Carta aos Efésios é um dos documentos mais importantes já escritos”.¹⁰ Por isso, a carta reflete, na avaliação de muitos, a síntese do pensamento paulino e tem exercido grande influência no pensamento cristão.

Nos últimos dois séculos, contudo, tem havido muito debate sobre várias questões relacionadas a Efésios. Nesta introdução, analisaremos cinco questões: autoria; estrutura e gênero; cidade e ambiente histórico; propósito; e teologia de Efésios. Em seguida, uma bibliografia desta introdução será apresentada.

AUTORIA DE EFÉSIOS

Introdução

Um estudo dos comentários sobre Efésios ou uma rápida leitura de introduções ao NT revela de imediato um grande debate sobre a autoria desse livro. É necessária uma investigação da questão para entender os vários aspectos do problema.

O testemunho da autoria paulina de Efésios

Efésios tem o mais antigo testemunho de todos os livros do NT. Ainda no século 1 ou logo no início do século 2, Clemente de Roma (auge de seu ministério em 96 d.C.) menciona “um só Deus, um só Cristo e um só Espírito” em uma

⁷F. F. Bruce, “St. Paul in Rome. 4. The Epistle to the Ephesians”, *BJRL* 49 (Spring 1967): 303; reimpresso no cap. 36 de idem, *Paul: apostle of the heart set free* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 424-40 [edição em português: *Paulo, o apóstolo da graça*, tradução de Hans Udo Fuchs (São Paulo: Shedd, 2003)]; Bruce, p. 229. O título “a quintessência da teologia paulina” [expressão original: the quintessence of Paulinism] foi tomado emprestado de Peake, o primeiro ocupante da Cátedra Rylands da Universidade de Manchester, que usou esse título para se referir a todas as cartas de Paulo, até mesmo Efésios; veja Arthur S. Peake, “The quintessence of Paulinism”, *BJRL* 4 (September-January, 1917-1918): 285-311.

⁸Barth, p. 3.

⁹Raymond E. Brown, *An introduction to the New Testament*, The Anchor Bible Reference Library, organização de David Noel Freedman (New York: Doubleday, 1997), p. 620 [edição em português: *Introdução ao Novo Testamento*, tradução de Paulo F. Valério, Coleção Bíblia e História (São Paulo: Paulinas, 2004)].

¹⁰O’Brien, p. 1.

possível referência a Efésios 4.4-6.¹¹ Além disso, a oração de Clemente a Deus para “abrir os olhos do nosso coração para que possamos conhecer-te [i.e., a Deus]”¹² é muito provavelmente uma alusão a Efésios 1.17,18. A expressão “o coração insensível e obscurecido”¹³ também é uma provável alusão a Efésios 4.18, e “cada um esteja sujeito ao seu próximo”¹⁴ remete a Efésios 5.21. Inácio (35-107/108), bispo de Antioquia, parece fazer alusão a Efésios 5.1,2 quando diz que os efésios eram imitadores de Deus em sua demonstração de amor por ele.¹⁵ Em sua carta a Policarpo, Inácio revela familiaridade com a armadura de Deus descrita em Efésios 6.11-17.¹⁶ Além disso, no primeiro terço do século 2, Policarpo (69-135), bispo de Esmirna, declara: “Conforme está dito nessas Escrituras: ‘Fiquem irados e não pequem’, e: ‘Não se ponha o sol sobre a ira de vocês’”.¹⁷ Policarpo está citando Salmos 4.5 e Efésios 4.26 e chama ambas as passagens de Escrituras! Em outras palavras, ele coloca Efésios no mesmo

¹¹Clement of Rome [Clemente de Roma], *Epistola 1 ad Corinthios* 46.6, in: *PG* 1:304 [edições em português: “Clemente Romano”, in: *Padres apostólicos, Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias, Didaqué, Patrística 1* (São Paulo: Paulus, 1997); “Primeira carta de Clemente”, in: *Os pais apostólicos, tradução de Almiro Pisetta* (São Paulo: Mundo Cristão, 2013)]; cf. A Committee of the Oxford Society of Historical Theology, *The New Testament in the apostolic fathers* (Oxford: Clarendon, 1905), p. 53. Para um exame das alusões de Clemente a Efésios, veja Donald Alfred Hagner, *The use of the Old and the New Testaments in Clement of Rome*, organização de W. C. van Unnik et al., *NovTSup* 34 (Leiden: Brill, 1973), p. 222-6.

¹²Clement of Rome [Clemente de Roma], *Epistola 1 ad Corinthios* 59.3; cf. 36.2, in: *PG* 1:281.

¹³Ibidem, 36.2, in: *PG* 1:281.

¹⁴Ibidem, 38,1, in: *PG* 1:284.

¹⁵Ignatius [Inácio], *Ad Ephesios* 1.1-2, in: *PG* 5:644 [edições em português: “Inácio de Antioquia”, in: *Padres apostólicos, Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias, Didaqué, Patrística 1* (São Paulo: Paulus, 1997); “Aos efésios”, in: *Os pais apostólicos, tradução de Almiro Pisetta* (São Paulo: Mundo Cristão, 2013)]. Para uma crítica das referências de Inácio a Efésios, veja Matthias Günther, *Die Frühgeschichte des Christentums in Ephesus*, *Arbeiten zur Religion und Geschichte des Urchristentums* 1, organização de Gerd Lüdemann (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995), p. 147-59.

¹⁶Ignatius [Inácio], *Ad Polycarpum* 6.2, in: *PG* 5:868 [edição em português: “Inácio de Antioquia”, in: *Padres apostólicos, Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias, Didaqué, Patrística 1* (São Paulo: Paulus, 1997); “A Policarpo”, in: *Os pais apostólicos, tradução de Almiro Pisetta* (São Paulo: Mundo Cristão, 2013)].

¹⁷Polycarp [Policarpo], *Ad Philippenses* 12.1, in: *PG* 5:1020 [edições em português: “Policarpo de Esmirna”, in: *Padres apostólicos, Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias, Didaqué, Patrística 1* (São Paulo: Paulus, 1997); “Aos filipenses”, in: *Os pais apostólicos, tradução de Almiro Pisetta* (São Paulo: Mundo Cristão, 2013)].

nível de Salmos, tornando Efésios o primeiro livro do NT a ser chamado de Escritura pelos pais da igreja antiga. Anteriormente, nessa mesma carta de Policarpo, a declaração: “sabendo que ‘pela graça vocês são salvos, não por obras, mas pela vontade de Deus por meio de Jesus Cristo’”¹⁸ é uma clara referência a Efésios 2.5,8,9. Além disso, Policarpo menciona “a armadura da justiça”,¹⁹ o que demonstra familiaridade com o texto de Efésios 6.11-17. Ireneu (130-200; auge do ministério em 175-195), bispo de Lyon, cita explicitamente Efésios 5.30 quando faz o comentário: “conforme o abençoado Paulo declara em sua Epístola aos Efésios de que ‘somos membros de seu corpo, de sua carne e de seus ossos’”.²⁰ Ele também menciona que na Epístola aos Efésios o apóstolo havia declarado: “Em quem vocês também, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação, e também tendo crido nele, foram selados com o Espírito Santo da promessa, que é o sinal de entrada de nossa herança” (1.13,14a).²¹ Além do mais, Ireneu observa que “o apóstolo diz aos Efésios: ‘Em quem temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão de pecados’ [1.7]; e, no mesmo tratado, também diz: ‘Vocês que antes estavam longe foram trazidos para perto no sangue de Cristo’ [2.13]; e ainda: ‘Abolindo em sua carne a Lei dos mandamentos em ordenanças’” (2.15).²² Ireneu também se refere ao “Diabo como um daqueles anjos que estão colocados sobre o espírito do ar, conforme o apóstolo Paulo declarou na Carta aos Efésios” (2.2).²³ Clemente de Alexandria (150-215) cita Efésios 5.21-29²⁴ e 4.13-15²⁵ como palavras do apóstolo, e não há nenhum motivo para pensar que esse apóstolo fosse alguém que não Paulo. Marcião (m. 160), quando estava em Roma, disse que considerava Efésios uma carta autêntica de Paulo, embora tivesse mudado seu nome para “Epístola aos Laodicenses”.²⁶ Além disso, Efésios é alistada como uma das

¹⁸Ibidem, 1.3, in: PG 5:1017.

¹⁹Ibidem, 4.1, in: PG 5:1017-8.

²⁰Irenaeus [Ireneu], *Adversus haereses* 5.2.3, in: PG 7:1126) [edição em português: *Contra as heresias*, Patrística 4 (São Paulo: Paulus, 1997)].

²¹Ibidem, 5.8.1, in: PG 7:1141.

²²Ibidem, 5.14.3, in: PG 7:1163.

²³Ibidem, 5.24.4, in: PG 7:1188.

²⁴Clement of Alexandria [Clemente de Alexandria], *Stromatum* 4.8, in: PG 8:1275-6.

²⁵Clement of Alexandria [Clemente de Alexandria], *Paedagogus* 1.5, in: PG 8:269-70 [edição em português: *O pedagogo*, tradução de Lara Faria (Campinas: Ecclesiae, 2014)].

²⁶Tertullian [Tertuliano], *Adversus Marcionem* 5.17.1, in: PL 2:512; cf. Adolf von Harnack, *Marcion: das Evangelium vom fremden Gott. Eine Monographie zur Geschichte der Grundlegung der katholischen Kirche*, 2. ed., TU 45, organização de Adolf von Harnack; Carl Schmidt (Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1924); John Knox, *Marcion and the New Testament: an essay in the early history of the canon* (Chicago: University of Chicago Press, 1942), p. 1-76,

cartas paulinas no cânon muratoriano, que muitos acreditam ter origem em Roma nas últimas três décadas do século 2,²⁷ embora alguns o considerem uma lista oriental do século 4.²⁸ Além disso, Tertuliano de Cartago (160-220) menciona, em sua citação de Efésios 1.9,10, que o apóstolo (Paulo) havia escrito aos efésios a respeito de Cristo ser o cabeça de todas as coisas.²⁹ Em um dos trechos, ele relaciona Éfeso, junto com Corinto, Filipos, Tessalônica e Roma, como os lugares onde foram estabelecidas igrejas apostólicas que receberam cartas autênticas do apóstolo.³⁰ Em outra passagem, ele também menciona que essas mesmas igrejas, assim como a Galácia, leram cartas de Paulo.³¹ Ao contestar Marcião, Tertuliano cita Efésios 2.12 e afirma que é a carta do apóstolo (Paulo) escrita aos efésios, embora, de acordo com Tertuliano, hereges como Marcião digam que foi uma carta enviada aos laodicenses.³² Posteriormente, na mesma obra, Tertuliano torna a criticar Marcião por chamar a Carta aos

158-67, 172-6; Hans von Campenhausen, *The formation of the Christian Bible*, tradução para o inglês de J. A. Baker (Philadelphia/London, Estados Unidos/Reino Unido: Fortress/A. and C. Black, 1972), p. 147-67; John J. Clabeaux, *A lost edition of the letters of Paul. A reassessment of the text of the Pauline corpus attested by Marcion*, Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 21 (Washington: Catholic Biblical Association of America, 1989), p. 26, 94-8, 156.

²⁷*The apostolic fathers*, edição e tradução de J. B. Lightfoot, 2. ed. (London, Reino Unido: Macmillan, 1890; reimpr., Grand Rapids: Baker, 1981), parte I, vol. 2, p. 405-13; Brooke Foss Westcott, *A general survey of the history of the canon of the New Testament*, 6. ed. (London, Reino Unido: Macmillan, 1889; reimpr., Grand Rapids: Baker, 1980), p. 212; John A. T. Robinson, *Redating the New Testament* (Philadelphia/London, Estados Unidos/Reino Unido: Westminster/SCM, 1976), p. 319; E. Ferguson, "Canon Muratori. Date and provenance", in: *Studia patristica*, organização de Elizabeth A. Livingstone (Oxford: Pergamon, 1982), vol. 17, parte 2, p. 677-83; Bruce M. Metzger, *The canon of the New Testament: its origin, development, and significance* (Oxford: Clarendon, 1987), p. 191; F. F. Bruce, *The canon of Scripture* (Downers Grove: InterVarsity, 1988), p. 158 [edição em português: *O cânon das Escrituras: como os livros da Bíblia vieram a ser reconhecidos como Escrituras Sagradas?*, tradução de Carlos Osvaldo Pinto (São Paulo: Hagnos, 2011)]; Wilhelm Schneemelcher, org., *New Testament apocrypha*, tradução para o inglês e edição de R. McL. Wilson (London: James Clarke; Louisville: Westminster/John Knox, 1991), vol. 1, p. 27-9, 34, 72 (nota 37).

²⁸A. C. Sundberg Jr., "Towards a revised history of the New Testament canon", in: F. L. Cross, org., *Studia evangelica*, vol. IV.: *Papers presented to the Third International Congress on New Testament Studies held at Christ Church Oxford, 1965*, parte I: *The New Testament Scriptures*, TU (Friedrich Zucher et al., orgs.) (Berlin: Akademie-Verlag, 1968), vol. 102, p. 452-61; A. C. Sundberg Jr., "Canon Muratori: a fourth-century list", *HTR* 66 (January 1973): 1-41; Geoffrey Mark Hahnehan, *The Muratorian Fragment and the development of the canon*, organização de M. F. Wiles et al., OTM (Oxford: Clarendon, 1992), p. 4, 33, 215-8.

²⁹Tertullian [Tertuliano], *De Monogamia* 5, in: *PL* 2:935.

³⁰Tertullian [Tertuliano], *De praescriptionibus* 36, in: *PL* 2:49 [edição em português: *Direito de prescrição contra os hereges*, Patrística 9 (Lisboa: Paulistas, 1960)].

³¹Tertullian [Tertuliano], *Adversus Marcionem* 4.5.1, in: *PL* 2:366.

³²*Ibidem*, 5.11.12, in: *PL* 2:500.